



Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



Parceria:



denominação
Fazenda São Francisco

código
AIII - F20 - Val

localização
Rodovia RJ-151 (trecho: Parapeúna - Santa Isabel do Rio Preto), 3º Distrito de Santa Isabel do Rio Preto

município
Valença

época de construção
século XIX

estado de conservação
detalhamento no corpo da ficha

uso atual / original
pecuária / fazenda de café

proteção existente / proposta
nenhuma

proprietário
particular



Fazenda São Francisco, fachada principal

coordenador / data **Sônia Rachid - mar 2009**
equipe **José Roberto Mendes e Marcos Vinicius Silva Gomes**
histórico **Roberto Guião de Souza Lima**

revisão
Coordenação técnica do projeto

Seguindo pela estrada RJ-151, sem pavimentação, antigo leito da Estrada de Ferro Central do Brasil, percorre-se 24 km – trecho entre Parapeúna (5º distrito de Valença) e Santa Isabel do Rio Preto (3º distrito) – até a entrada da Fazenda São Francisco.

A fazenda pode ser vista da estrada que passa junto ao seu portal de acesso (f01). Localizada no sopé de um morro, com uma bela paisagem no entorno, a casa tem implantação privilegiada, voltada para estrada (f02) e para o caudaloso rio Preto, neste trecho ladeado por tufos de bambuzais e remanescentes de matas ciliares, que vai serpenteando entre os morros de pastagem, recobertos por esparsas áreas de Mata Atlântica (f03).

O acesso no interior da propriedade se bifurca, com as instalações de serviços locadas à esquerda (f04) tendo, à direita, a casa-sede. Esta é alcançada através de subida íngreme em piso lajeado em pedra lavrada, contornando a grande murada de pedra insossa¹, que tem talude gramado e vegetação forrageira (f05).

Um platô, arborizado com frondosas mangueiras, jaqueiras, abacateiros, goiabeiras e jabuticabeiras, envolve a casa-sede, que apresenta, na entrada para o sobrado, um pequeno jardim, com calçada central que leva até a porta do porão e a escada que conduz ao alpendre da fachada principal (f06).



01



02



03



04



05



06

Contornando a sede, um muro de tijolos resguarda o antigo quintal com algumas frutíferas, que tem acesso pela casa e por um portão de fundos e, num espaço murado, reservado junto à cozinha, os canteiros – escondidos pelo mato – serviam para a horta, para os temperos e para as ervas medicinais (f07).

Sob o arvoredado, caminhos para o paiol, depósito, sequeiro (f08 e f09) e outras pequenas edículas, como galinheiro, pocilga e curral desativados (f10), localizados próximos da murada que contorna o quintal.

Um grande e largo gramado, em semicírculo (f11 e f12) e com o arrimo do sólido muro de pedras, compõe a vista principal do casarão. Através dos relatos da história oral, sabe-se que a mureta com colunas junto à entrada principal era contínua, circundando todo o gramado. Abaixo, do lado esquerdo, as construções de currais, ordenha, moinho, casa de colono e as capineiras, que se distribuem na grande várzea, são separadas do rio apenas pela estrada.



07



08



09



10



11



12

¹ Pedra insossa ou pedra seca são pedras que formam a alvenaria de um muro ou parede sem a utilização de argamassa.

Assentado sobre o morro, o casarão assobradado, com paredes caiadas de amarelo e murada de pedra à frente, se destaca na paisagem. O acesso à sua entrada principal é feito pela lateral direita da casa, por um portão de madeira sob o pórtico de alvenaria, com mureta em tijolos maciços modulada por esparsas colunas, que definem um pequeno jardim (f13). Não existem mais as placas do guarda-corpo, estando os ferros da armação à mostra. Porém, a murada de pedra é mantida, contornando o espaço alçado do quintal, complementando o muro, até a entrada dos fundos, com uma rampa de pedra que o delimita (f14).

Somente o corpo frontal da casa, de planta retangular, é sobre porão habitável. Na parte posterior, a edificação estende-se em um único pavimento, adequando-se ao desnível do terreno (f15). Prossegue, nas suas laterais, com duas alas de volumes diferentes, sendo que no trecho central, um avarandado avança, abrigado sob o prolongamento do telhado, voltado para um pequeno pátio de piso lajeado e para o quintal. A cobertura de ponto alto, com telhas capa e bica, possui sete águas formando rincões, mantendo o beiral uma bela cimalha que arremata os telhados das fachadas frontal e lateral direita, continuando encachorrado no restante do perímetro (16).

Adentrando-se no pequeno espaço do jardim frontal, depara-se com uma das portas do porão, que é ladeada por janelas (f17). Uma passagem lateral entre arbustos (f18) conduz ao gramado frontal e, junto à parede, a escada que leva até ao alpendre da fachada principal é apoiada sobre pilastras de alvenaria.



13



14



15



16



17



18

O alpendre que dá acesso ao pavimento nobre mantém cobertura em telha francesa em três águas, à moda de copiar, e o guarda-corpo de tijolo maciço com detalhes vazados (f19).

A porta principal abre-se para um salão para o qual se voltam duas alcovas que mantêm, entre elas, uma escada de madeira que desce ao compartimento do porão e que dá acesso ao portão (f20 à f22). Um *hall* à direita das alcovas leva à outra alcova, a um banheiro e à capela, que também conta com banheiro. Do salão frontal, à esquerda, alcança-se a sala de visitas (f23) com duas alcovas, sendo que a retirada de uma parede divisória da alcova mais à esquerda, integrou esta com a outra (alcova), cuja entrada é pela sala de jantar.



19



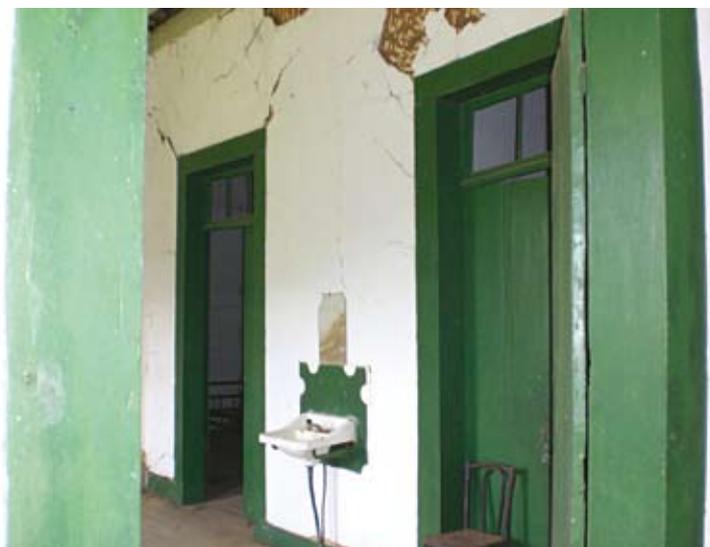
20



21



22

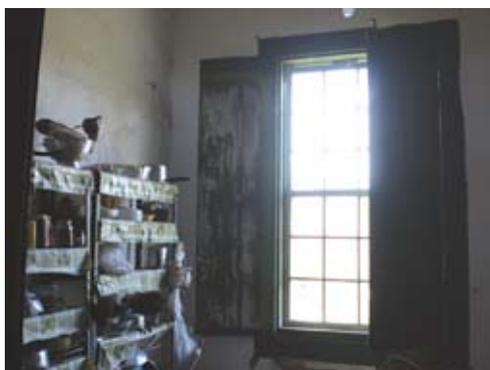


23

A partir desta, há dois quartos, um grande (f24) e outro menor, que serve de despensa (f25) e volta-se para a circulação (f26), com a copa/cozinha (f27) e a antiga despensa (sem condição de uso) contíguas (f28). Um cômodo externo, de alvenaria e cobertura de telhas francesas, próximo à porta da cozinha, abriga o fogão a lenha (f29 e f30).



24



25



26



27



28



29



30

Os outros espaços de serviço se estendem para os fundos, com um depósito e banheiro azulejado a meia altura, com piso cerâmico e ventilação com básculas, que era ocupado pela antiga queijaria (f31). Uma escada de tijolos maciços conduz para um plano elevado (f32), com telhado em meia água, apoiado por pilastras de alvenaria, protegendo um antigo tanque (f33), tendo a sua frente uma área fechada por muro, que corresponde  antiga horta. Da cozinha, uma porta  direita, de vo menor, une esta ao cômodo avarandado – aos fundos – (f34) com dois depósitos e saída para o pátio do quintal (f35). A seguir um vstbulo com banheiro (f36) e o espaço da capela, com outro pequeno banheiro atrás do altar.



31



32



33



34



35



36

A capela é simples, mantendo um altar sobre assoalho de madeira alteado e embutido num nicho, com vão em caixilho de verga reta e fechamento por porta com duas folhas cegas (tipo camarão) que se encaixam nas laterais (f37). O porão, sob a área social do casarão, é dividido em dois grandes compartimentos, sendo que um deles cumpre a função de transição / uma circulação vertical, mantendo uma escada de ligação com o grande salão de entrada no pavimento superior (f38), possuindo o piso cimentado, sendo o forro o assoalhado da casa. O porão apresenta, ainda: entrada fronteira ao acesso do portão, na lateral direita, duas portas sob o alpendre da fachada frontal e, na lateral esquerda, um portão de duas folhas que dá acesso para a rampa da garagem (f39 e f40). Este espaço da garagem possui piso de terra, pilares feitos de dormentes e cimento armado (f41), mantendo na fachada frontal, três janelas e uma porta.



37



38



40



39



41

O casarão tem o embasamento revestido em chapisco, paredes ocre e a cimalha em madeira e as cercaduras e esquadrias pintadas em verde. Os vãos têm verga reta: as portas com duas folhas cegas e bandeira de vidro e as janelas com guilhotinas externas na cor branca e duas folhas cegas por dentro. Um belo forro em saia e camisa com cimalha reveste os cômodos, de paredes brancas. O piso mantém assoalho em tabuado de madeira larga, em sua maioria, apresentando, na cozinha, varanda e serviços, cimentado queimado. No banheiro junto ao vestíbulo da capela, azulejos a meia parede, ladrilhos hidráulicos e janela de folha única com veneziana.

A construção possui gaiola estrutural em madeira (pilares, frechal, madres e barrotes), fechada com tijolo maciço no térreo, e pau-a-pique no primeiro pavimento. Um calçamento de pedras lavradas contorna toda a edificação. O paiol sobre pilares tem assoalho e paredes de madeira, com cobertura de telha francesa. O curral, a cocheira, o bezerreiro e a ordenha têm estrutura em alvenaria, pilares de concreto com telhados que misturam folhas de zinco e telhas francesas (f42 e f43).



42



43

A edificação encontra-se em estado precário, com o descolamento do emboço de argamassa de terra, areia e cal, expondo a estrutura do sistema construtivo em várias áreas, fragilizando paulatinamente as paredes e colocando-a em risco (f44). Um emboço recente, nas paredes da cozinha e serviços, não as livrou de pulverulência, limo e vegetação agregada (f45).

A infiltração descendente se faz presente em vários pontos. O destelhamento, o madeiramento degradado e a reposição da cobertura com telhas de amianto, além da falta de condutores de águas pluviais, comprometem ainda mais a cimalha, o beiral e as paredes (f46 e f47).

Nota-se a presença de trincas provenientes de recalques estruturais. As esquadrias externas estão muito comprometidas. O desabamento da cobertura do alpendre evidencia que seu madeiramento sobrepunha-se à verga das esquadrias (f48 e f49).



44



45



46



47



48



49

No interior do sobrado, parte das paredes de vedação da despensa (f50) e da alcova perto da capela (f51) desabou. Observa-se que o banheiro atrás do altar, tem meia parede de tijolo com madeira no fechamento, sobrepondo-se a verga da janela (f52). Em vários compartimentos, a estrutura de pau a pique está à mostra, e infiltrações descendentes, fissuras e trincas agravam a estabilidade do conjunto (f53). O forro das salas e dos quartos apresenta pontos deteriorados pela ação de cupins e infiltrações (f54) e, na copa/cozinha suas falhas revelam as telhas de amianto (f55).



50



51



52



53



54



55

Algumas janelas estão com as guilhotinas danificadas e emperradas (f56). O assoalho de tabuado largo demonstra resistência aos maus tratos. Porém, apresenta, em vários cômodos, apodrecimento, desnivelamento e frestas que possibilitam a visão do porão (f57). Na despensa, o nível de degradação não permite transitar, pondo em risco a segurança das pessoas.

Na instalação hidráulica, os antigos canos de chumbo, e na elétrica a fiação, ainda revestida de pano, são aparentes (f58 e f59). Nos rodapés e barrotes, as sujidades das paredes e do assoalho confirmam a presença de morcegos no forro e nas frestas das paredes (f60). No porão, paredes com sujidade, infiltração ascendente e pulverulência, além de alguns barrotes com ação de insetos xilófagos (f61).



56



57



58



59

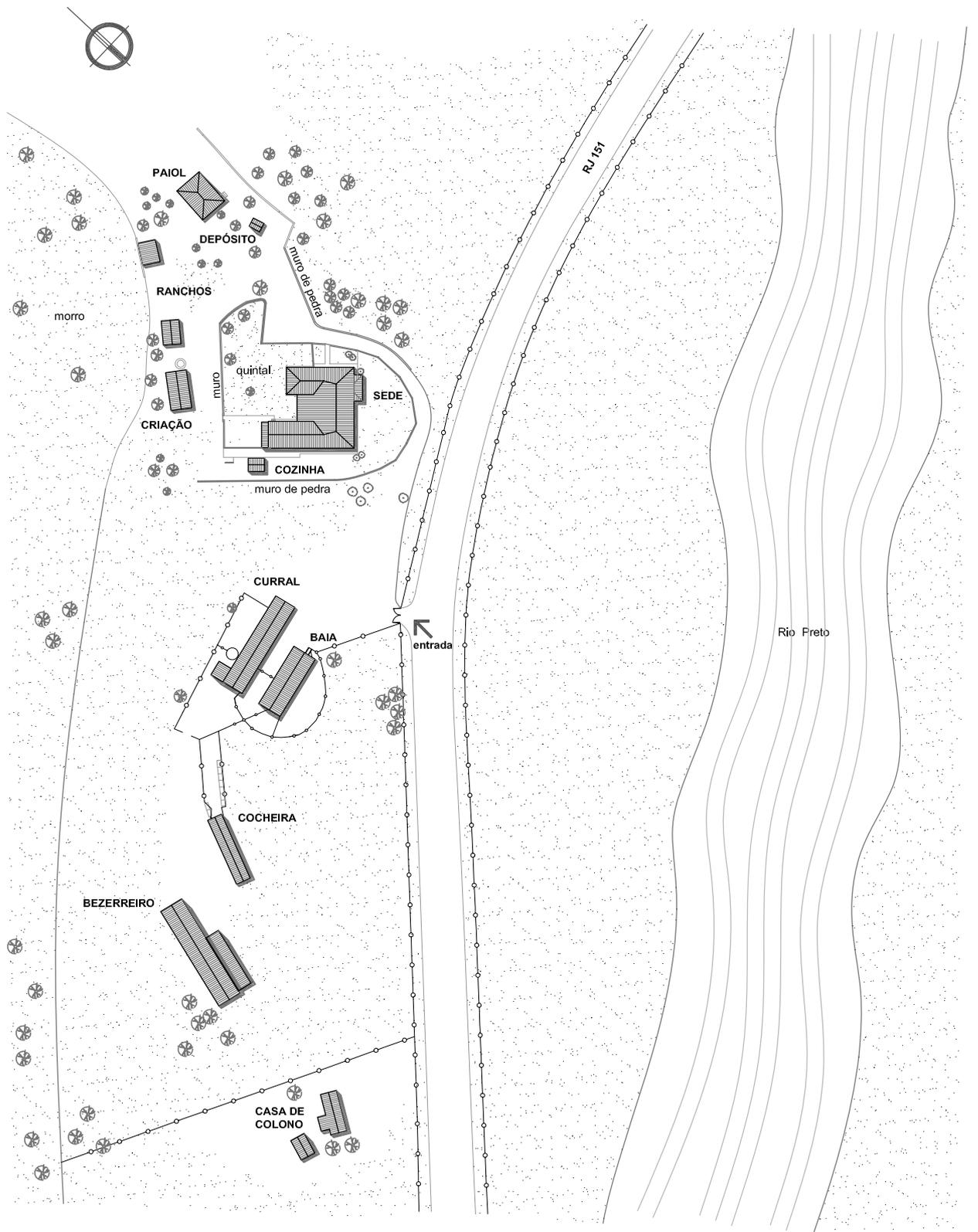


60



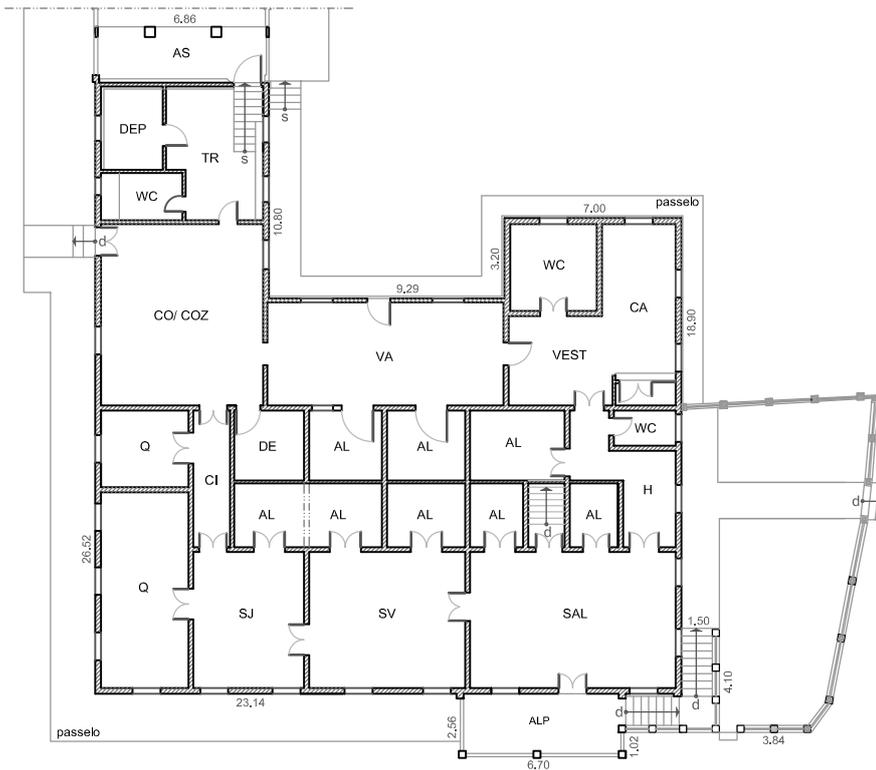
61

FAZENDA SÃO FRANCISCO

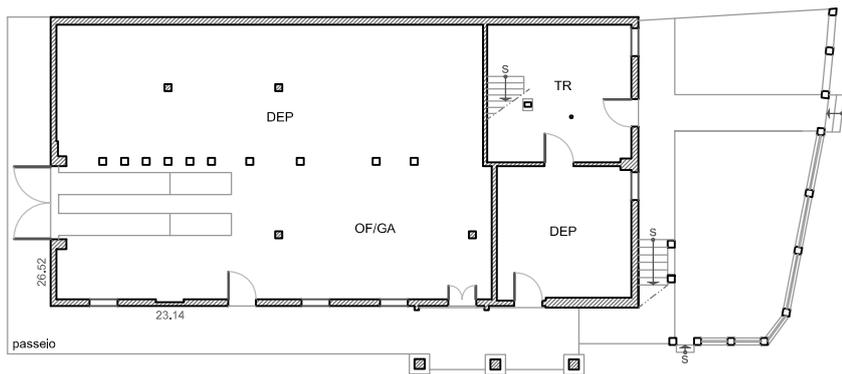


1 Implantação
escala: 1/1750

FAZENDA SÃO FRANCISCO



2 Planta Baixa da Sede - 1º Pavimento
escala: 1/300



1 Planta Baixa da Sede - Porão
escala: 1/300



AL - alcova	CA - capela	COZ - cozinha	GA - garagem	Q - quarto	SAL - salão	VA - varanda	alvenaria existente
ALP - alpendre	CI - circulação	DE - despensa	H - hall	SJ - sala de jantar	WC - banheiro	VEST - vestíbulo	alvenaria demolida
AS - área de serviço	CO - copa	DEP - depósito	OF - oficina	SV - sala de visita	TR - transição		

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense

AIII - F20 - Val

2/2

equipe: Sonia Mautone Rachid / José Roberto Mendes / Marcos Vinícius	desenhista: Marcos Vinícius Silva Gomes	revisão: Francyla Bousquet	data: mar 2009
---	--	-------------------------------	-------------------

A história desta fazenda, situada no Vale do Rio Preto¹, e de sua gente, está intimamente ligada à história da família Fortes de Bustamante e de suas propriedades na região nos municípios de Rio Preto e Santa Rita de Jacutinga, em Minas Gerais, e no de Valença — nos seus distritos de Santa Isabel do Rio Preto e Conservatória — no Rio de Janeiro, todos banhados pelas águas do citado rio, respectivamente os mineiros pela sua margem esquerda e o fluminense pela direita.

Esta família, emigrada de São João d'El Rei², benemerita e com grande poder e influência nas comunidades mencionadas, notadamente em Rio Preto e Valença, teve como sua propriedade pioneira a Fazenda Santa Clara, cuja casa-sede, de tamanho fora do comum, até hoje pode ser vista, altaneira, dominando a margem mineira do rio Preto. As extensas terras desta propriedade, outrora incluídas na “Área Proibida” — região da Mantiqueira acima do rio Preto, onde não se podia penetrar para preservar o poder real sobre as minas de ouro das “Gerais” — já tinham sido palmilhadas, a partir de 1760, por um membro da família, João Pedro de Bustamante e Sá. Entretanto, só depois, já no século XIX, com o Comendador Francisco Tereziano Fortes de Bustamante, filho do capitão Francisco Dionizio Fortes de Bustamante e Sá — o 2º guarda-mor do Registro do Rio Preto³ — é que essas terras passaram realmente à família e se transformaram em expressiva fazenda de café.

Segundo o genealogista Hélio José Souza Ferraz⁴, Francisco Dionísio era um político e burocrata de alto nível da Coroa Portuguesa, poderoso e influente com prerrogativas, entre outras, de distribuir “datas”⁵ para mineração. Escudado nisso, requereu e conseguiu muitas sesmarias nas margens mineira e fluminense do rio Preto e, para não deixar transparecer a grande extensão de terras que possuía, as distribuiu, ainda em vida, aos filhos e a outras pessoas de sua confiança, permanecendo nas terras de Santa Clara.

Francisco Dionísio foi casado com Joaquina Felisberta da Silveira, pais de quatro filhos, todos ricos e conceituados: o Dr. Antônio Joaquim Fortes de Bustamante, dono da Fazenda São Paulo; Francisco Tereziano Fortes de Bustamante, antes mencionado, casado com sua prima, Maria Thereza de Souza Fortes (Viscondessa de Monte Verde), dono da Fazenda Santa Clara; Eleutéria Claudina de Souza Fortes, casada com Cândido Xavier de Andrade (3º guarda-mor do Registro do Rio Preto, substituto do sogro), dona da Fazenda São Francisco e Isabel Henriqueta Fortes, casada com seu primo Carlos Teodoro de Souza Fortes (2º Barão de Santa Clara e irmão da viscondessa de Monte Verde), dona da Fazenda São Fernando.

Tomando Santa Clara como centro e o rio Preto como referência, as fazendas de Antônio Joaquim e de Isabel Henriqueta ficavam a jusante, e a de Eleutéria Claudina a montante deste rio.

Eleutéria, que morou na Fazenda Santa Thereza que ficava em frente a Santa Clara⁶, no lado fluminense do rio Preto, recebeu três sesmarias que deram origem a várias fazendas que pertenceriam a seus filhos e netos, sendo São Francisco a fazenda central e onde ela morava.

As fazendas fundadas em terras das sesmarias da matriarca, por comporem um conjunto bem característico e integrado, serão examinadas junto com a história de uma delas, a Fazenda Oriente, que faz parte também dessa 2ª fase do “Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense”.

Sucedeu aos pais, na propriedade de São Francisco, o Dr. Affonso Xavier Fortes⁷, advogado formado pela Universidade de Coimbra.

A fazenda fica à beira do rio Preto, em um alto platô, do qual se tem linda e extensa vista do rio e das serras mineiras e fluminenses por ele separadas. Em baixo e bem próximo da base deste platô passa a estrada de terra que era, no passado, o leito da ferrovia de bitola estreita que vinha de Valença, passava por seu distrito de Parapeuna, fronteiro à cidade mineira de Rio Preto, e se dirigia a Santa Rita do Jacutinga.

São Francisco fica, em sentido contrário às águas do rio Preto, a 6,3 km de São Mathias (fazenda da mesma família), e, descendo o rio, a 3,7 km da antiga estação ferroviária de João Honório (antes Parada Santa Clara)⁸.

Em agosto de 1994, quando da visita à fazenda, estava sendo iniciada uma reforma que cuidou primeiro do telhado. O proprietário era um senhor residente em Brasília (DF), da família Chicarino, há muitos anos radicada em Valença.

No platô fronteiro à casa-sede existia uma grande área gramada, em semicírculo, na qual deve ter existido um jardim, escorada por um alto e forte paredão de pedra que, até por questão de segurança, deve ter sido encimado por gradil de ferro.

A casa é enorme e dá a sensação, como de resto parece ser a tônica nas fazendas de café do Vale, de desproporcionalidade entre o seu tamanho e a quantidade de suas dependências vis-à-vis a quantidade de pessoas da família que iria ocupá-la, naturalmente não considerando os visitantes a negócio e, mais que isso, os parentes e os famosos e sempre presentes “agregados”, que não perdiam a oportunidade de aproveitar a hospitalidade e a boa mesa, sempre presente nas moradias rurais do café, às vezes em prolongadas estadias.

Seu interior, com piso e forro em tabuado largo característico dos casarões rurais do café, não apresentava vestígios de que tivesse sido decorado com requinte, dando a sensação — talvez por estar completamente vazio — de que o objetivo principal da sua construção era ser uma casa confortável, para os padrões da época, e que abrigasse uma família voltada ao trabalho, bem coerente com o modelo típico que presidiu as primeiras moradias do ciclo cafeeiro.

Corroborava essa hipótese o beiral do telhado, com acabamento mais elaborado que guarnecia a fachada por onde se tinha acesso à casa e aquela voltada para o platô fronteiro (onde ficam as salas e de cujas janelas se avista o rio e a região), por serem elas as únicas vistas pelos visitantes, já que na outra fachada e na dos fundos, longe dos olhares, os “cachorros” dos beirais estavam à mostra.

Daí um ditado muito em moda na época: “Dê-me 200.000 réis de decoração”, que se traduzia pela economia que se queria fazer na decoração das casas, gastando dinheiro onde ele era realmente necessário ou atendesse aos “interesses” dos donos. Embora muitos pensassem que “o café daria para tudo”, os mais previdentes não acreditavam muito nisso e talvez tenham sido eles os que se salvaram do triste futuro, mas essa é outra história.

Voltando a São Francisco, o acesso à casa-sede se daria, após passar por largo portão bem trabalhado, por uma porta no lado direito da casa, onde seria a sua fachada principal, e daí, por uma escada interna simples, diretamente a uma saleta no pavimento superior

próxima da capela. Parece ser mais factível essa possibilidade — embora a parte de baixo da casa nitidamente se prestasse à atividades de serviço, concentrando a moradia no segundo piso — do que a entrada encontrada na época, no pavimento superior, cujo acesso se dava por uma escada (de alvenaria de tijolo) paralela à fachada voltada para o platô, onde foi criada também uma varanda totalmente alheia às características da casa, possivelmente obra nova e improvisada em alguma reforma.

O casarão, em forma de “U”, com o corpo principal em dois pavimentos, é muito grande e continha, no pavimento superior: três grandes salas; mais duas menores, três quartos, dois corredores, cozinha e 11 alcovas, exatamente, 11 alcovas, pequenos quartos sem janela, encravados no corpo central da casa. Além disso, uma grande capela cuja “nave” ocupava as duas últimas janelas da fachada principal. Ao fundo dela um altar, muito simples, quase que um caixote, com diversas imagens de “gesso”, ocupava o centro de uma espécie de capela-mor que era fechada por uma porta com quatro folhas. Certamente esta não seria a decoração original, até porque os proprietários tinham posses e eram devotos à Igreja, como atesta a procissão de fazendas santificadas que eles fundaram na região (ver Fazenda Oriente).

Existe uma foto antiga⁹, talvez da década de 1930, da provável fachada principal, que mostra a mesma configuração encontrada em 1994.

Do conjunto original do café, pouco se via já naquela época, embora largas calçadas de pedra e grossos paredões de pedra indicavam caminhos e arrimos autênticos da grande construção (f62).



Fazenda São Francisco, vista da lateral da casa-sede. Foto de Domingos A. Fatigaldi, s/d, acervo Waldyr F. Cordovil Pires

61

¹ Importante e histórico tributário do rio Paraíba do Sul, que deságua no rio Paraíba. O fato do rio Preto, que nasce na Serra do Itatiaia a 2.240 m de altitude, ser afluente do Paraíba (este com 178 km de curso) é matéria controversa, geograficamente falando, entre outros motivos pelo fato do afluente ter maior extensão e, também, pela configuração geológica do encontro entre os dois. O mais importante, todavia, é que o Vale do Rio Preto foi importante região cafeeira no século XIX e que este rio, com 198 km de curso, separa, em toda esta extensão, o estado do Rio de Janeiro, cujas terras ficam pela sua margem direita, do de Minas Gerais, com terras pela margem esquerda.

² Como tantas outras que vieram para o Vale do Paraíba plantar café na chamada “1ª invasão mineira” (a 2ª “invasão mineira” viria a ocorrer cerca de um século depois, com a pecuária leiteira).

³ Registro era o local onde o governo aferia o recolhimento dos impostos ou efetuava o seu recolhimento e controlava a passagem, o trânsito e o destino de pessoas, mercadorias e correspondências, objetivando, principalmente nos postos localizados nos caminhos entre Minas Gerais e o Rio de Janeiro, no século XVIII, coibir o contrabando de ouro. O Registro do Rio Preto, com jurisdição em quase todo o vale desse rio desde a nascente em Itatiaia até para além do Porto das Flores, foi instituído oficialmente pelo governador de Minas Gerais, Pedro Maria Xavier de Athayde e Mello, em 20 de janeiro de 1780, e teve como seu 1º guarda-mor, Luiz Fortes de Bustamante e Sá, irmão mais velho do capitão Francisco Dionísio, e pai, entre outros, da viscondessa de Monte Verde e do 2º barão de Santa Clara. O conhecido botânico francês Auguste de Saint-Hilaire passou por ele, em 1822, demandando São João d’El Rei e Barbacena, e mencionou que o rancho onde ele estava instalado ficava logo depois da ponte sobre o citado rio.

⁴ Pentaneto de D. Eleutéria Claudina de Souza Fortes, é membro do Colégio Brasileiro de Genealogia, no Rio de Janeiro, onde reside.

⁵ Porção de terras.

⁶ Há informações que permitem seja levantada a hipótese de ter sido esta fazenda negociada por Eleutéria Cândida com seu irmão Francisco Tereziano, que ali teria, provavelmente, instalado senzala e terreiros de secar café complementares aos existentes em Santa Clara.

⁷ Nascido em 1841, solteiro, era eleitor, conforme lista de votantes de Santa Isabel de 1879, com renda anual de 5 contos de réis. Nessa lista seu nome contempla, ao final, o sobrenome Bustamante, registro também encontrado em trabalhos de alguns genealogistas. Entretanto, tal complemento não aparece no nome de nenhum dos seus irmãos.

⁸ Esta parada ficava em frente a ponte que, atravessando o rio Preto, acessa a Fazenda Santa Clara, tão comentada no início desse texto e ícone dos Fortes de Bustamante.

⁹ “Domingos A. Fatigalli – photograph – Santa Rita de Jacutinga – R.M.V. – Minas Gerais” — Acervo do Dr. Waldyr da Fontoura Cordovil Pires, Rio de Janeiro. A fachada exposta, apresentada nesse trabalho como sendo a principal, continha um medalhão em forma de círculo que, certamente deveria conter ou as iniciais do proprietário, ou a data de construção, ou a data de alguma reforma importante. Pela foto, nada se pode identificar.

Fontes:

Autor não identificado – *Santa Isabel do Rio Preto*. Rio de Janeiro: Typographia São Benedicto, 1930.

BRANDÃO, Thomé Dias dos Santos. *A família Brandão*. Rio Preto: 1956.

CALDAS, Fa. Maria José da Costa. *O clã dos Costa*. Rio de Janeiro: 1987.

CEPA – Centro de Extensão e Produção Agropecuária, ligado à FAA de Valença (RJ). *Rio Preto, recursos e necessidades*. Valença: 1992.

FERRAZ, Hélio José de Souza. *Informações sobre a família Fortes de Bustamante*. Junho de 2002.

FERREIRA, Luiz Damasceno. *História de Valença: 1803–1924*. Valença: Edição dos filhos do autor, 2ª edição, 1978.

JANNUZZI JR., Fernando Antônio Ielpo. *As famílias de Santa Isabel (arquivo genealógico)*

IÓRIO, Leoni. *Valença de ontem e de hoje: 1789–1852*. Valença: Editora Jornal de Valença, 1ª edição, 1953.

KASTRUP, Gilka Ferraz. *Coronéis, caciques e doutores*. Rio de Janeiro: 1986.

LIMA, Roberto Guião de Souza Lima. ARQUIVO RGSL. *Volta Redonda: 1979–2009*.

_____ e JANNUZZI JR, Fernando Antônio Ielpo. *A fazenda Santa Clara – um feudo cafeeiro e escravagista e seus proprietários*. Rio de Janeiro: Colégio Brasileiro de Genealogia, revista Carta Mensal, nov. 2002 a abr. 2003.

MONTEIRO, Joaquim Manoel de Oliveira. *Dos barões aos coronéis*. Rio Preto: 2001

NOGUEIRA, Laudelina “Nina” Marinho. Rio Preto uma viagem no tempo. Rio Preto: 1998

_____. *Santa Rita de Jacutinga e sua história*. Santa Rita: 2ª edição, 2001.

NOVAES, Adilson Adriano dos Reis. *A fazenda Santa Clara*. Valença: Revista Chafariz, abril de 2003.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Segunda viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo*. Belo Horizonte: Livraria Itatiaia Editora Ltda. e Editora da USP, 1979.